XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação
VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação

Fotojornalismo cidadão: a fotografia a serviço da cidadania[1]

Fábio Dias de Souza[2]
(UEL – Universidade Estadual de Londrina)
Paulo César Boni[3]
(UEL – Universidade Estadual de Londrina)

Resumo: Este artigo aborda o fotojornalismo cidadão – ato em que pessoas comuns, usufruindo do espaço disponibilizado por alguns jornais, utilizam a fotografia como meio de expressão, informação e denúncia e, com isso, são transformadas em sujeitos participativos da ação. Neste sentido, aborda como essa prática vem ao encontro do conceito de cidadania, pois apropriando-se das novas tecnologias – e empregando-as como ferramenta de denúncias e reivindicações – a população reflete seu engajamento e compromisso com a promoção do bem-estar social.

Palavras-chave: Cidadania; fotojornalismo cidadão; *Jornal de Londrina*; "Foto do Leitor"

[1] Trabalho apresentado no **VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação** – **NP Fotografia: Comunicação e Cultura**, do **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**.
[2] Graduado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Faculdade Maringá, de Maringá (PR), em 2005. Especialista em Fotografia pela Universidade Estadual de Londrina, em 2007. E-mail: fabiodias.jor@gmail.com
[3] Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), em 2000. Professor Associado do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, desde 1982. Coordenador do Curso de Especialização em Fotografia: Práxis e Discurso Fotográfico da UEL, desde 2000. Editor da revista Discursos Fotográficos, desde 2005. E-mail: pcboni@sercomtel.com.br

Introdução

Desde seu surgimento, no século XIX, em plena Revolução Industrial, a fotografia foi – e continua sendo – alvo de constantes transformações e interpretações. Inúmeros avanços técnicos aceleraram o desenvolvimento do processo de captura de imagem e contribuíram para sua popularização. Em 1888, a primeira câmera *Kodak* foi lançada no mercado. Ela dispensava o complicado procedimento necessário para a manipulação dos equipamentos anteriormente utilizados e, a partir de então, a fotografia tornou-se acessível a milhares de pessoas.

Hoje, mais popular que em qualquer outra época da história, a fotografia alcançou a tecnologia digital e, com ela, a facilidade de ser produzida e rapidamente difundida pela internet. Neste contexto, alguns veículos disponibilizaram canais de comunicação para que pessoas comuns, munidas de câmera digital ou telefone celular com câmera, pudessem enviar fotografias de interesse jornalístico para as redações. Ação que se encaixa no conceito de jornalismo cidadão, prática no sentido de servir aos interesses e preocupações da sociedade, inserindo-a como agente ativo no processo comunicacional.

Kossoy (2000, p.33) afirma que "a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo". Ela mostra, emociona, desperta sentimentos; contém um potencial que dificilmente poderia ser revelado em palavras. Talvez por isso, somada à atual praticidade e agilidade na difusão, seja tão eficaz. A cada dia se multiplica o número de cidadãos que se apropriam dos avanços tecnológicos para usar a fotografia como uma ferramenta em benefício de sua comunidade: denúncias, desastres, enchentes, trânsito; situações que, muitas vezes, exigem a atuação de pessoas comuns para que as autoridades constituídas ou pessoas e/ou órgãos responsáveis resolvam rapidamente os problemas.

Os primeiros avanços técnicos

A precária qualidade dos equipamentos fotográficos, no início de sua utilização, limitava o trabalho do fotógrafo. As câmeras eram muito grandes, pesadas e as lentes escuras exigiam um longo tempo de exposição.

O aparecimento de novas tecnologias, ao longo do tempo, permitiu a ampliação das possibilidades de uso da fotografia. Em 1851, a invenção do uso do

colódio úmido[4] rapidamente superou o daguerreótipo[5]. A significativa diferença era que a técnica do colódio úmido permitia a obtenção de cópias. Essas melhorias técnicas remetem, segundo Sousa (2000, p.29), a "mudanças na cultura, nas rotinas e convenções profissionais". Era o início da reprodutibilidade fotográfica que, juntamente com o aparecimento do *flash* de magnésio – espalhafatoso e malcheiroso – e lentes cada vez mais claras, possibilitou novas oportunidades ao fotógrafo que, na opinião de Sousa, deixou de lado os estúdios para investir no registro visual dos acontecimentos do mundo (2000, p.33). Começava assim, o exercício do fotojornalismo. Os primeiros eventos mundiais a atrair a atenção dos fotojornalistas foram as guerras. Com a Guerra da Criméia (1854-1856), desencadeou-se a cobertura fotográfica de todos os eventos considerados importantes para o mundo.

Nessa época, ainda não era possível publicar as fotografias juntamente com os textos; gravuristas e desenhistas trabalhavam como intermediários, produzindo gravuras baseadas na fotografia. Só na década de 1880, com a técnica do *halftone*[6], é que foi possível publicar fotos e textos juntos. Sousa (2000, p.44) diz que "o *halftone* veio emprestar ao fotojornalismo a base tecnológica que lhe faltava para conquistar um lugar ao sol na imprensa". Ainda no final do século XIX, pessoas comuns também eram capazes de capturar imagens; foi o início do processo de popularização da fotografia, momento em que o fotografado revelou-se fotógrafo.

A popularização da fotografia e o alcance da tecnologia digital

A insatisfação com o procedimento confuso e trabalhoso para se obter fotografias fez que, em 1888, George Eastman criasse a câmera *Kodak*. Leve, de preço acessível, flexível, haja vista que utilizava filmes em rolo e, principalmente, de fácil uso, pois já não eram preciso conhecimentos de química nem de laboratório para

[4] Chapa de vidro com uma solução de nitrato de celulose, sensibilizada com nitrato de prata, a qual precisava ser umedecida antes de ser exposta na câmera fotográfica. Exigia que as fotografias fossem reveladas com pirogalol ou sal ferroso, assim que fossem produzidas.

[4] Processo no qual eram utilizadas chapas de cobre sensibilizadas com prata e tratadas com vapores de iodo. A imagem latente era revelada expondo-a a vapores de mercúrio. Mais tarde, substituído pelo colódio úmido.

[4] Também chamado autotipia. Processo onde a imagem original é reproduzida através de uma malha, ocasionando sua fragmentação em pequenos pontos distribuídos regularmente, com tamanho variável em função de sua tonalidade. Grava-se em uma chapa chamada *clichê*, que pode ser montada juntamente com os blocos de texto e impressos simultaneamente.

operá-la (bastava apertar um botão para obter a imagem), a Kodak conquistou de imediato os amadores.

Empresário de visão, Eastman queria que sua invenção chegasse também às pessoas de baixo poder aquisitivo. Em 1900, lançou a *Brownie*, uma câmera ainda menor, ao preço de um dólar. Com ela, a fotografia estava acessível a milhares de pessoas, tornando possível que qualquer um registrasse acontecimentos que considerasse importante. Segundo Freund (1995, p.192), "a *Kodak* foi a primeira firma a apreender as possibilidades de um mercado de massas". A partir de então, gerou-se um campo ilimitado de possibilidades para a fotografia amadora. Sousa (2000, p.45) destaca que a nova câmera "[...] também permitirá ao amador tornar-se num criador e até mesmo num caçador de imagens [...]".

Na imprensa, com a implantação das rotativas, em meados de 1890, a fotografia ganha ainda mais espaço, porém, só a partir de 1907 – com a utilização da transmissão à distância associada ao serviço das agências fotográficas – é que se pôde falar em velocidade, em "rapidez" no processo de publicação. O mundo passou a ficar cada vez mais próximo.

A expansão da fotografia, impulsionada pelo crescente consumo e valorização da imagem, exigiu constantes aperfeiçoamentos técnicos. Em 1925, foi criado o *flash* de lâmpada, que substituiu o de magnésio. A partir de 1930, a câmera *Leica* passou a ser comercializada com lentes intercambiáveis e mais luminosas, que possibilitaram novas leituras, diferentes formas de registro dos acontecimentos. Pela primeira vez, a imagem ameaçava – e, em alguns casos, até suplantava – a importância do texto.

A partir de 1970 a tecnologia já indicava novos rumos para a fotografia. Lentes com foco automático, fotômetros incorporados, melhores sistemas de transmissão de imagens, computadores portáteis e mais potentes, digitalizadores de negativos. A imagem digital, na década seguinte, proporcionaria praticidade e barateamento nos custos de produção, o que, mais uma vez, alavancou a busca por melhores sistemas e equipamentos. Em 1989, surgiram as primeiras câmeras digitais e, com elas, mudanças na forma de capturar, visualizar, armazenar, editar e manipular imagens. Hoje, com a internet e celular com câmera, já é possível enviar a imagem capturada direto a um endereço eletrônico.

Com o avanço da tecnologia e conseqüente barateamento dos equipamentos, a fotografia digital se popularizou e se transformou numa importante ferramenta possibilitadora de práticas participativas pelo cidadão comum.

Jornalismo cidadão – exercício de direitos e deveres

O surgimento da cidadania está vinculado ao advento das cidades, espaço onde as pessoas deveriam exercer seus direitos e deveres, ou seja, ser cidadãos. Maria de Lourdes Manzini-Covre recupera a proposta de cidadania descrita na Carta de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1948:

> Todos os homens são iguais ainda que perante a lei, sem discriminação, raça, credo ou cor. E ainda: a todos cabem o domínio sobre seu corpo e sua vida, o acesso a um salário condizente para promover a própria vida, o direito à educação, à saúde, à habitação, ao lazer. E mais: é direito de todos expressar-se livremente, militar em partidos políticos e sindicatos, fomentar movimentos sociais, lutar por seus valores. Enfim, o direito de ter uma vida digna, de ser homem. Isso tudo diz mais respeito aos direitos do cidadão. Ele também tem seus deveres: ser o próprio fomentador da existência dos direitos dos outros, ter responsabilidade em conjunto pela coletividade, cumprir as normas e propostas elaboradas e decididas coletivamente, fazer parte do governo, direta ou indiretamente, ao votar, ao pressionar através dos movimentos sociais, ao participar de assembléias – no bairro, sindicato, partido ou escola. E mais: pressionar os governos municipal, estadual, federal e mundial (em nível de grandes organismos internacionais como o Fundo Monetário Internacional – FMI). (MANZINI-COVRE, 1991, p.9-10).

No entanto, para que essa série de direitos e deveres da cidadania tenha valor efetivo, deve haver reivindicação, ou seja, é preciso que haja sujeitos participativos na ação. Se algum bairro apresenta problemas, como buracos no asfalto ou bueiros entupidos, seus moradores devem tomar a iniciativa de entrar em contato com a prefeitura ou órgão responsável pela manutenção e comunicar o fato à imprensa, para acioná-la como instrumento de pressão. Devem se organizar e buscar meios para solucioná-los e não simplesmente ficar esperando que os problemas se resolvam por si só.

Neste sentido, o jornalismo cidadão tem se tornado uma prática cada vez mais constante em vários países. Abreu (2003, p.5) explica que jornalismo cidadão é um conceito que "identifica a ação jornalística como tendente a servir aos interesses concretos dos cidadãos e a responder às preocupações dos leitores ou da audiência referentes a emprego, habitação, educação, segurança, qualidade de vida, etc.".

Historicamente, ele surgiu nos Estados Unidos, com a prática do *public* e do *civic journalism.* A autora explica que:

> O primeiro foi uma resposta à perda de leitores da imprensa escrita na concorrência com os canais de televisão, e também uma maneira de impedir o controle, cada vez maior, das máquinas partidárias sobre o debate político na mídia. Esse novo jornalismo pretendia impor uma nova agenda de opinião e se tornar o intérprete dos cidadãos quanto à hierarquia dos problemas e à escolha das soluções pela comunidade. (ABREU, 2003, p.6).

O *civic journalism*, que pregava o enaltecimento dos princípios da democracia, começou em 1970, nos Estados Unidos. No Brasil, na década de 1950, já existiam alguns jornais que abriam espaços de comunicação entre pessoas comuns e o poder, mas a ênfase era mais sensacionalista que cívica. A partir de 1990, algujns jornais criaram canais para reivindicações e, decorrência natural, mais leitores passaram a utilizar o espaço. Atualmente, como exemplifica Abreu (2003, p.7) "tanto os jornais populares quanto o *Extra* e *O Dia*, no Rio de Janeiro, o *Diário Popular*, em São Paulo, e os grandes jornais, como *O Estado de S.Paulo*, *Folha de S.Paulo*, *O Globo* e *Jornal do Brasil*, estão voltados para o atendimento das reivindicações dos leitores".

A experiência do "jornalismo cidadão" é válida na medida em que o homem começa a buscar, engajar, interagir; no momento em que ele assume um compromisso e passa a compreender sua realidade, procurando respostas e buscando soluções.

A participação popular por meio da imagem

Atualmente, a tecnologia potencializa a interação entre mídia e cidadão: câmeras digitais de variados tipos, formas, tamanhos e preços, que transmitem imagens sem qualquer interligação com o computador; celulares com câmera acoplada, que permitem "espalhar" imagens nos *blogs* e *flogs* (páginas da internet que disponibilizam ferramentas para que o internauta possa publicar textos e imagens, de maneira simples e imediata).

O que se observa é a facilidade com que se pode registrar um acontecimento (são milhares de câmeras digitais circulando em bolsas e bolsos da população) e a instantaneidade com que a imagem capturada pode percorrer o planeta. A internet possibilitou que a prática do jornalismo cidadão ganhasse uma proporção muito maior, ao dinamizar a comunicação horizontal entre o leitor e a mídia. Aliada aos equipamentos digitais, a internet agregou a fotografia, dando vida ao fotojornalismo cidadão. Alguns exemplos das primeiras imagens digitais feitas por amadores e divulgadas no *mass media* foram os do atentado ao *World Trade Center*, em Nova Iorque, do atentado ao metrô de Londres, do *tsunami*, no Oceano Índico.

Atentas a essa possibilidade, algumas empresas de comunicação idealizaram um procedimento para agregar trabalho, aproveitando essa multidão de pessoas comuns, porém munidas tecnologicamente. O site *OhMyNews* – "Todo cidadão é um repórter", lançado no ano 2000, na Coréia do Sul, foi o primeiro a propagar, na internet, esse novo "espírito" de jornalismo participativo. No lançamento do jornal, havia quatro repórteres profissionais e 727 pessoas se que "disponibilizaram" como repórteres; hoje, são 35 profissionais e 35 mil repórteres cidadãos. Essa multidão envia pela internet suas notícias, que são revisadas e checadas pela redação. Publicadas no site, os próprios leitores as comentam, avaliam, corrigem e atualizam. Essa atitude influencia diretamente a importância que o tema assumirá na pauta (CASTILHO, 2004). Para se ter uma idéia das proporções dessa tendência, a *Scoopt*, primeira agência que comercializa imagens feitas por amadores, já possui "mais de 2 mil cadastrados em 60 países" (GRANJA, 2006).

No Brasil, o primeiro projeto de fotojornalismo cidadão, iniciado em outubro de 2005, foi o "FotoRepórter", coordenado por Juca Varella, subeditor de fotografia do jornal *O Estado de S. Paulo*. A idéia concretizou-se com a visita dos profissionais de marketing do *Estadão* a uma feira na Coréia, onde tiveram contato com jornais produzidos com material de amadores (PINTO, 2006). Para participar do projeto "FotoRepórter", todos os interessados precisam fazer um cadastro completo e assinar um termo de compromisso e cessão de direitos autorais; ao enviarem a foto, devem anexar um texto com informações – que são checadas – e, em algumas vezes, o próprio fotógrafo é contatado. Até 31 de dezembro de 2006 o projeto havia contabilizado 7203 cadastrados e 21293 imagens. Destas, 4981 foram selecionadas para o portal "FotoRepórter" e 287 foram publicadas no *Estadão* e *Jornal da Tarde*[7].

Pelo exposto, percebe-se uma gradual mudança no processo de transmissão e recepção da informação. O fotojornalismo cidadão tem sido o embrião de uma forma organizada para "convidar" pessoas comuns a participarem, a serem ativas e engajadas na sociedade, apropriando-se, para tal, das novas tecnologias e dos espaços disponibilizados pela mídia.

Paulo Freire, um dos educadores brasileiros que mais lutou pelo processo de educação libertadora e transformadora, deixou palavras que traduzem bem a situação aqui exposta: "Na medida em que o homem cria, recria e decide, vão se formando as

[7] Informações enviadas por e-mail, pela equipe "FotoRepórter", a Fábio Dias, em 8 de janeiro de 2007.

épocas históricas. [...] É por isso que obtém melhor resultado toda vez que, integrando-se no espírito delas, se apropria de seus temas e reconhece suas tarefas concretas." (FREIRE, 2002, p.64).

O ser humano é um ser comunicativo e de múltiplas relações. Quando tem alguma oportunidade e dispõe de algum canal para expressar seus preceitos de cidadania, procura exercitar sua consciência crítica. Esse exercício de cidadania foi observado pelo coordenador do "FotoRepórter". Conforme Varella, os fotorrepórteres são pessoas comuns que se deparam com alguma situação e fotografam: advogados, vendedores, médicos, profissionais que dificilmente saem exclusivamente para fotografar. "É muito pequena a parcela que sai exclusivamente para fotografar. Também existem grupos muito participativos, e é possível perceber claramente a mudança de atitude: alguns fotorrepórteres, no início, mandavam fotografias de flores ou festas; à medida que percebiam que não eram publicadas no portal (acesso *on-line*) e nem no *Estadão*, começavam enviar imagens que realmente interessavam, jornalisticamente."[8]. O fato traduz-se em maturidade, na atribuição de importância ao que é relevante para a sociedade; mostra um ser humano que se transforma num cidadão cada vez mais crítico, defensor de seus direitos e dos direitos da coletividade a que pertence.

A experiência do *Jornal de Londrina*

No Paraná, o *Jornal de Londrina* também abriu um espaço para que o leitor envie fotografias. É o "Foto do Leitor", criado em maio de 2006, por meio de um projeto de revitalização do jornal. Carla Nascimento, chefe de redação do *JL*, explica que, para participar, não é necessário se cadastrar, basta acessar o site, preencher os dados pessoais e enviar as fotografias. Elas são selecionadas conforme seu conteúdo. O jornal diz privilegiar as imagens de interesse público em detrimento das pessoais. A maioria é postada no portal e algumas são publicadas na versão impressa do jornal, depois de verificada a veracidade das informações.

Os temas mais recorrentes são trânsito e paisagens. Carla Nascimento afirma que a quantidade de imagens de acidentes de trânsito, problemas com vias e buracos no asfalto é muito superior em relação aos demais temas. A rapidez com que pessoas comuns (comuns, explique-se, no sentido de não serem profissionais da imprensa)

[8] VARELLA, Juca. Entrevista por telefone concedida a Fábio Dias, em 4 de janeiro de 2007.

enviam imagens surpreende a chefe de redação: "Certa ocasião, houve um incêndio em uma loja de decorações na cidade, e enquanto o jornal preparava uma equipe para fazer a matéria, recebia, na redação, fotos enviadas por pessoas que estavam no local com equipamento digital."[9]

No "Foto do Leitor", assim como no "FotoRepórter", também existem colaboradores mais ativos, que enviam fotos constantemente. Eduardo Lobato, residente em Londrina, é um deles. No mesmo dia em que comprou um telefone celular com câmera, fotografou um veículo particular estacionado em local exclusivo para viaturas militares. Aproveitando a ocasião – o *JL* acabava de ser reformulado e havia aberto canais de comunicação para os leitores –, enviou as imagens por e-mail. Lobato diz que ficou duplamente surpreso. Primeiro por a foto ser publicada e, segundo, com o alto nível de qualidade da publicação. A partir daí, passou a enviar fotografias, preferencialmente com conteúdo jornalístico: "Procuro manter o foco em fotografias que possam gerar evolução, proporcionando reflexão, desenvolvimento e progresso [...]."

Todas as imagens de Lobato são registros de fatos que ocorrem no dia-a-dia. Ele não precisou sair "à caça", mesmo porque, diz, "é muito comum ocorrerem casos em que em menos de cem metros são testemunhadas diversas infrações e 'crimes' [...]". Exemplifica, relatando que certa vez houve acúmulo de lama em algumas ruas centrais de Londrina (figura 1)[10], associado às chuvas e às obras em um terreno onde seria construído um supermercado. Dias depois da publicação de sua foto, discorre, "as ruas estavam interditadas para realização de limpeza" (figura 2)[11]. Outro fator que, segundo ele, contribuiu para a solução do problema foi um "gari" que, depois de acompanhar a produção das fotografias, informou a empresa responsável[12].

[9] NASCIMENTO, Carla. Entrevista concedida a Fábio Dias, em 17 de janeiro de 2007.
[10] Imagem original disponibilizada pelo autor.
[11] Imagem original disponibilizada pelo autor.
[12] LOBATO, Eduardo. Entrevista por e-mail concedida a Fábio Dias, em 19 de janeiro de 2007.

Figura 1 – Chuva vermelha
"Em plena região central de Londrina, a cada nova chuva a situação volta a se repetir, é lama pra todo o lado (proveniente do terreno do antigo Colossinho)."
Foto e legenda publicadas no Jornal de Londrina, de 5/12/2006, p.3.
Foto: Eduardo Lobato

Figura 2 - Ontem, hoje
"Parabéns ao senhor José, "gari" da CMTU que comunicou o fato à empresa responsável que imediatamente providenciou a limpeza. E claro também ao JL que através desse espaço propicia ações como essas que resultam em evolução e desenvolvimento para a população."
Foto e legenda publicadas no Jornal de Londrina de 12/12/2006, p 23.
Foto: Eduardo Lobato

Samuel Pinto de Oliveira é tributarista e morador em Londrina desde 1979. Desgostoso por perceber situações que colocam a população em risco, iniciou sua interação com os jornais escrevendo cartas. Atualmente utiliza uma câmera digital para enviar imagens de cenas que o tocam e fotografias que considera úteis à população: "Minha briga é para sinalizarem a rua do Hotel do Lago, que não comporta o trânsito e estacionamento nos dois lados. Também denuncio a falta de sinalização nas ruas próximas de meu prédio e problemas com o Lago Igapó: pescadores, jacaré, luminárias destruídas, fiação roubada, etc. Mas também envio belas fotos de diversos locais da cidade."

Oliveira acredita que aproximadamente 30 fotografias suas já foram publicadas. Diz que obteve retorno de algumas: chegou até a receber uma ligação do órgão responsável pelo problema "denunciado", prometendo providências para resolver a situação. Exercendo seus direitos e deveres de cidadão, Oliveira diz que sua intenção é unicamente servir à comunidade, já que a maioria das pessoas dificilmente se expõe, mesmo sabendo que suas atitudes podem privilegiar a comunidade e a própria cidade: "Penso que, se cada um apontar, sugerir transformações e brigar para que o poder público mude sua postura, a cidade melhorará muito..." Seu objetivo, atualmente, é dar continuidade a um trabalho que não obteve resultado através de cartas. Ele pretende fotografar pontos críticos do trânsito de Londrina e "sugerir alterações simples e objetivas através do envio do material à imprensa"[13].

Os exemplos citados vêm ao encontro do pensamento de Freire (2002, p.19), quando diz que "o compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas 'águas' os homens verdadeiramente comprometidos ficam 'molhados', 'ensopados'".

Segundo o engenheiro da Secretaria de Obras e Viação da Prefeitura Municipal de Londrina, Joaquim Carlos Wargha, a publicação das fotografias enviadas ao *JL*, para o "Foto do Leitor", contribui – e muito – ao trabalho da secretaria. Explica que vários serviços são prestados diariamente, mas como Londrina é uma cidade de grande porte, fica praticamente impossível executar a fiscalização e manutenção, o tempo todo, em todos os bairros da cidade. Na opinião do engenheiro, "uma fotografia todo mundo vê, é diferente de uma simples ligação telefônica; o impacto visual fortalece a reivindicação pela tomada de providências".

Wargha sugere que o *JL* poderia prestar mais um serviço que simplificaria as operações e ampliaria sua repercussão: no caso de denúncias, danos e irregularidades, publicar junto com a fotografia o número do telefone da entidade, repartição, diretoria ou divisão responsável pelos reparos, manutenção ou punição da infração. Por exemplo: indicar o telefone da Usina do Asfalto se a denúncia for de um buraco na rua ou, no caso de um bueiro entupido, o telefone da divisão de Viação, ambas, segundo ele, "com autonomia para pequenos reparos"; no caso de uma calçada particular danificada,

[13] OLIVEIRA, Samuel Pinto de. Entrevista por e-mail concedida a Fábio dias, em 20 de janeiro de 2007.

indicar o endereço e telefone do proprietário; se for infração de trânsito, o telefone do Detran ou da Guarda Municipal[14].

A fotografia como prática conscientizadora

Tânia Oliveira Teixeira Pinto[15] diz que "estamos acostumados a olhar uma imagem sem qualquer tipo de reflexão sobre aquilo que está sendo mostrado, sem darmos ao trabalho de olhá-la seriamente o que é prejudicial, não só para o indivíduo, mas principalmente para toda a sociedade...". Essa "nova" forma está se configurando como um importante passo de prática cidadã, pois o simples fato de apontar a câmera a um acontecimento significa atribuir valor; sugere que o ser humano está mais preocupado e comprometido, imprimindo seu olhar para torná-lo público, procurando melhorar as condições de vida em seu ambiente.

Sobre impressão do olhar, cabe observar que toda fotografia é reflexo da carga cultural de quem a faz. Segundo Kossoy (2000, p.30):

> O fotógrafo, pois, em função de seu repertório pessoal e de seus filtros individuais e, apoiado nos recursos oferecidos pela tecnologia, produz a imagem a partir de um assunto determinado. A interpretação final, entretanto, ainda sofrerá interferências ao longo do processamento e elaboração final da imagem [...].

O fotógrafo é colocado em relação com o mundo. A prática aguça seu olhar; ela o faz observar os detalhes, pensar, refletir, ver o que os outros normalmente não vêem. Contribui para que ele se expanda culturalmente e qualifique sua produção. Fica claro que o exercício da fotografia induz as pessoas a valorizarem e compreenderem melhor a imagem. De maneira geral, leva à alfabetização visual. Peruzzo (2001, p.121) observa que a essência da educação para cidadania nos movimentos sociais está:

> na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas.

Neste sentido, a abertura oferecida por alguns meios de comunicação contribui para que as pessoas se transformem em sujeitos participativos da ação, executando tarefas que estão habituadas a receber prontas e que se tornem, nas palavras de Peruzzo (2001, p.122), "protagonistas da comunicação e não somente receptores".

[14] WARGHA, Joaquim Carlos. Entrevista por telefone concedida a Paulo Boni, em 14 de fevereiro de 2007.

O exercício do fotojornalismo cidadão propicia que amadores percebam e compreendam melhor as imagens e sua função como linguagem de comunicação. As facilidades, proporcionadas pela tecnologia, possibilitaram mais um meio para a população poder se expressar e fazer valer seus direitos e deveres de cidadão, em busca de melhor qualidade de vida.

Novas práticas, novas discussões

A prática do fotojornalismo cidadão, em outras palavras a "colaboração" de pessoas comuns na produção de notícias e seus conseqüentes efeitos, tem provocado diferentes enfoques, pontos-de-vista e opiniões. Algumas questões são levantadas em relação à possibilidade de manipulação da imagem, à qualidade e veracidade das fotografias produzidas por amadores e uma possível redução do número de fotojornalistas profissionais e "frilas" contratados por parte dos jornais.

Essas dúvidas – e preocupações – porém, acompanham e fazem parte da história da fotografia. Em 1855, Franz Hamfstangel exibiu, pela primeira vez, provas com negativos retocados, dando início à prática da manipulação. Historicamente, ainda é cedo para se fazer uma avaliação, mas algumas respostas são obtidas através dos próprios meios de comunicação.

Quanto ao uso inescrupuloso da fotografia, o artigo 2º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é claro, e diz que "a divulgação de informação, **precisa e correta, é dever** dos meios de comunicação pública, independente da natureza de sua propriedade" (grifo dos autores). Como já foi abordado, tanto o *Estadão* quanto o *JL* tomam as devidas precauções para evitar a publicação de imagens manipuladas e não confiáveis e além disso elas passam pela avaliação de um editor, teoricamente um profissional qualificado, compromissado com a checagem e a veracidade dos fatos e responsável pela correta divulgação da informação. Nessas condições, Varella explica que tiveram um índice de imagens manipuladas inferior a 1% (PINTO, 2006).

Quanto ao uso de fotografias de leitores, que tinham a intenção de ganhos financeiros, Varella afirma que antes de iniciar o projeto, houve uma reunião com todos os repórteres fotográficos do *Estadão*. Alguns rejeitaram a proposta, mas logo nos primeiros meses ficou claro o objetivo do "FotoRepórter" e nenhum profissional do

[15] PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Mestre em Epistemologia do Jornalismo pela ECA/USP.

jornal foi dispensado em razão do projeto[16]. Um fotojornalista profissional, qualificado, responsável, ético e criativo obviamente terá seu espaço garantido no mercado de trabalho, pois um fotógrafo amador ainda não tem condições de lhe fazer concorrência.

Simonetta Persichetti acredita que se houver uma organização nos jornais, é possível que algumas imagens "impactantes, datadas e que duram um dia" possam ser produzidas por leitores, enquanto os profissionais se ocupam de matérias aprofundadas, aprimoradas[17]. Varella explica que, no *Estadão*, a prática atual é o fotorrepórter fazer a fotografia do acontecimento e depois o fotógrafo do jornal se deslocar até o local para cobrir o assunto, de forma mais elaborada.

Abafando os ecos do conservadorismo, Paulo Freire deixa uma frase exemplificadora de como deve agir uma consciência crítica, certamente cabível no contexto até aqui discutido: "Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida que são válidos." (FREIRE, 2001, p.41). São válidos na medida em que é dever do comunicador social "divulgar todos os fatos que sejam de interesse público" e "lutar pela liberdade de pensamento e expressão", onde o "acesso à informação pública é um direito inerente à condição de vida em sociedade, que não pode ser impedido por nenhum tipo de interesse." Está no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

Considerações finais

Mais de 100 anos se passaram desde a invenção da primeira câmera *Kodak*. Sua praticidade, leveza e acessibilidade possibilitou que milhares de amadores pudessem produzir e registrar cenas que constituem o repertório imagético do mundo.

De lá para cá, os avanços tecnológicos permitiram que cada vez mais a fotografia se popularizasse e, com a internet, se difundisse de uma forma jamais alcançada até então. Para a mídia, uma evolução sem igual, já que o tempo é fator crucial quando a questão é jornalismo.

Hoje, com as câmeras digitais e celulares com câmera, as imagens podem ser produzidas por amadores e percorrer o mundo instantaneamente. No contexto atual, a fotografia tornou-se importante instrumento de manifestação e alçou o cidadão à condição de sujeito participativo da informação, situação possível graças aos espaços

[16] VARELLA, Juca. Entrevista por telefone concedida a Fábio Dias, em 4 de janeiro de 2007.

disponibilizados por alguns jornais. Cidadãos comuns, porém participativos e interessados em melhorar as condições para viver, utilizam estes canais para expor e denunciar situações irregulares, acidentes, falta de conservação e má utilização do patrimônio público, práticas proibidas nas vias de trânsito, muitas vezes antecipando a chegada da informação aos responsáveis – que nem sempre sabem da ocorrência –, expondo visualmente a situação a toda população local, criando com isso um atalho para solucionar o problema com mais urgência.

É onde se pode enxergar o porquê do uso da fotografia. Sontag (2004, p.16) escreve que "[...] o registro da câmera justifica. Uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer; mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem".

Aliada à prática da cidadania, em que pessoas exercem seus deveres e usufruem seu direito de se expressar, produzindo informações e apropriando-se dos meios de comunicação para disseminá-las, a fotografia exerce seu papel como instrumento para o fazer social. Kossoy (2001, p.28) afirma que "é a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. [...] Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns [...]". Freund (1995, p.200) avalia que "[...] a vista é nos nossos dias o sentido mais solicitado. A imagem é fácil de compreender e acessível a toda gente". No fotojornalismo cidadão, seu fascínio e força reside na possibilidade que oferece às pessoas de traduzir suas preocupações sociais em imagens e retorná-las à sociedade, em uma busca coletiva pelo bem estar comum.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo cidadão. In: **Estudos históricos, mídia**. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/339.pdf>. Acesso em 12 dez. 2006.

CASTILHO, Carlos. Jornalismo online. **Cada cidadão é um repórter**,2004. Disponível em: <http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=275ENO001>. Acesso em 19 dez. 2006.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Rio de Janeiro, 1987. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/Leis/Codigo_de_Etica.htm>. Acesso em 4 mar. 2006.

[17] PERSICHETTI, Simonetta. Jornalista, mestre em Comunicação e Artes e doutora em Psicologia Social pela PUC/SP. Entrevista por e-mail concedida a Fábio Dias, em 12 de dezembro de 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREUND, Gisèle. **Fotografia e sociedade**. 2.ed. Lisboa: Vega, 1995.

GRANJA, Bia. Cidadão jornalista, você ainda vai ser um! **Revista Fotosite**, São Paulo, v.2, n.8, p.29, out./nov. 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos, 250).

PERUZZO, Cicilia Krohling. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Revista Fronteiras:** Estudos midiáticos, São Leopoldo, v.3, n.1, p.112-128, set. 2001.

PINTO, Danielle. Foto Repórter. **Photo Magazine**, Itajaí, v.2, n.6, p.16-18, jan./fev. 2006.

PINTO, Tânia Oliveira Teixeira. Os olhos do mundo: a força da imagem no jornalismo do século XXI. **Revista Espiral – Noosfera**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/njr/espiral/noosfera25b.htm>. Acesso em 23 mar. 2006.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.